

# Esquemas cognitivos e a análise de obras literárias: o personagem Lourenço Mutarelli

Cognitive Schemas and analysis of literary works: The Lourenço Mutarelli character

**Gabriela Gorenstein**

Mestre em Psiquiatria pela FMUSP

**Tito Paes de Barros Neto**

Mestre em Psiquiatria pela FMUSP

**Francisco Lotufo Neto**

Professor Associado e Chefe do Departamento de Psiquiatria da FMUSP

## RESUMO

O presente artigo examina a presença de Esquemas Iniciais Desadaptativos apresentados pelo personagem Lourenço Mutarelli de acordo com Jeffrey Young. Young desenvolveu a Teoria do Esquema elencando cinco domínios correspondentes a cada esquema cognitivo: Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Limites Prejudicados, Orientação para o outro e Supervigilância e Inibição. Os esquemas cognitivos foram identificados e analisados no material de Lourenço Mutarelli que criou um personagem autobiográfico em seu blog, suas entrevistas na internet, em suas histórias em quadrinhos e romances. Os domínios que prevaleceram dentro do material analisado foram: Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Orientação para o outro e Supervigilância e Inibição.

*Palavras Chave: Esquemas cognitivos, Terapia Cognitiva, Arte, Histórias em Quadrinhos.*

## SUMMARY

*This article examines the presence of Early Maladaptive Schemas presented by Lourenço Mutarelli's character according to Jeffrey Young. Young developed the Schema Theory categorizing five domains corresponding to each*

---

*cognitive schema: Disconnection and Rejection, Impaired Autonomy and Performance, Impaired Limits, Other-Directedness and OverVigilance and Inhibition. The cognitive schemas were identified and analyzed over the Lourenço Mutarelli's material who created an autobiographical character in his blog, his interviews on the internet, in his comic books and novels. The domains that have prevailed within the material analyzed were: Disconnection and Rejection, Impaired Autonomy and Performance, and OverVigilance and Inhibition.*

*Key words: Cognitive schema, Cognitive Therapy, Art, Comics.*

## INTRODUÇÃO

A arte e a psicoterapia apresentaram um relacionamento importante durante o século XX. Ao longo desse período, a psicanálise foi um dos principais instrumentos hermenêuticos para compreender a cultura, influenciando decisivamente movimentos artísticos como o modernismo e o surrealismo. Freud, Lacan, e, no Brasil, Osório César e Nise da Silveira, tiveram contribuições bastante significativas no entendimento da arte como forma de expressão psíquica, no entanto outras formas contemporâneas de pensar a psicoterapia que podem enriquecer esta compreensão (Rivera, 2002, Rosenfeld, 1999, Ferraz, 1998 e 2000).

A teoria do Esquema (TE) desenvolvida por Jeffrey Young (2003) a partir do modelo de Terapia Cognitiva de Beck (Beck e cols., 1979) criou novas estratégias para entender e tratar os transtornos mentais e os transtornos de personalidade. Para Beck, esquemas são convicções básicas, rígidas e resistentes que cada pessoa tem sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Estes esquemas se manifestariam através de regras e suposições, e estão na base dos Pensamentos Automáticos Negativos. A partir destes preceitos, Jeffrey Young desenvolveu o conceito do que denominou como Esquemas Iniciais Desadaptativos, originários na infância por problemas no atendimento de necessidades emocionais. Apego, afeto, estabilidade, autonomia, competência, liberdade e limites,

quando não são satisfatoriamente atendidos, criam esquemas rígidos. Estes esquemas constituem grande parte do autoconceito e da concepção de mundo da pessoa, são disfuncionais e distorcidos, trazendo sofrimento e dificuldades de adaptação (Young, 2003).

Ante os esquemas, a pessoa esboça três tipos de respostas: Mecanismos mantenedores, de esquivas e/ou de compensação. Os primeiros impedem a modificação do modo de ser de um sujeito, os segundos afastam a pessoa de situações que ativam os esquemas por estratégias comportamentais, cognitivas ou afetivas. E a compensação ocorre pela emissão do comportamento inverso ao do esquema ativado, ou seja, para se proteger, o indivíduo pensa e age opostamente ao esquema original.

Apesar de terem origem precoce, os esquemas vão sendo elaborados e modulados durante toda a vida do indivíduo, podendo ser ativados ou desativados de acordo com as circunstâncias. Os dezoito esquemas identificados por Young foram divididos em cinco domínios: Desconexão e rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Limites prejudicados, Orientação para o outro, Supervigilância e Inibição.

No domínio Desconexão e Rejeição as pessoas são incapazes de formar vínculos seguros e satisfatórios com outras pessoas. Acreditam que suas necessidades de estabilidade, segurança, cuidado, amor e pertencimento

não serão atendidas. Muitos tiveram infâncias traumáticas, passaram por diversos relacionamentos autodestrutivos ou evitaram relacionamentos íntimos. Contemplam esquemas de Abandono/ Instabilidade, Desconfiança/ Abuso, Privação Emocional, Defectibilidade/Vergonha, Isolamento Social/Alienação.

O domínio Autonomia e Desempenho Prejudicados refere-se à capacidade de separar-se da própria família e funcionar de forma independente. Estas pessoas têm dificuldade de moldar suas identidades e criar suas próprias vidas. Não conseguem estabelecer objetivos pessoais e dominar as habilidades necessárias para viver de forma autônoma. Permanecem crianças na vida adulta. Os esquemas envolvidos são Dependência/Incompetência, Vulnerabilidade/Incompetência, Emaranhamento/ Self Subdesenvolvido e Fracasso.

O domínio Limites Prejudicados é relacionado a falhas na imposição de limites reais. O sujeito não desenvolveu limites internos adequados em relação à reciprocidade ou autodisciplina, e pode ter dificuldades para respeitar os direitos de terceiros, cooperar, manter compromissos ou cumprir objetivos de longo prazo. Os esquemas correspondentes são Merecimento/Grandiosidade e Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes.

No domínio Orientação para o Outro as pessoas enfatizam em excesso o atendimento às necessidades dos outros, em lugar de suas próprias. Fazem-no para obter aprovação, manter a conexão emocional e evitar retaliações. Os esquemas são Subjugação, Autossacrifício, Busca de Aprovação/Busca de Reconhecimento.

No quinto domínio, de Supervigilância e Inibição, os indivíduos suprimem seus sentimentos e impulsos espontâneos, e se esforçam para cumprir regras internalizadas com relação a seu próprio desempenho, à custa da fe-

licidade, autoexpressão, relaxamento, relacionamentos íntimos e boa saúde. Frequentemente são introvertidos, rígidos, pessimistas, exagerados e hipervigilantes. Os esquemas são Negativismo/ Pessimismo, Inibição Emocional, Padrões Inflexíveis/Crítica Exagerada e Caráter Punitivo.

## JUSTIFICATIVA

O presente artigo elege um personagem de Lourenço Mutarelli para através dele entender melhor os conceitos de esquemas cognitivos formulados por Jeffrey Young. Mutarelli é um artista que se destaca pela multiplicidade de elementos originais, que provoca estranhamento entre editores e profissionais da área pela criatividade contida em sua obra, por não ser guiada por regras sociais visuais ou verbais do campo comum artístico a que se propunha participar (a princípio, das histórias em quadrinhos). Biografia de Lourenço Mutarelli

Personalidade envolvida em diferentes tipos de arte, desenhista, escritor, com trabalhos no teatro e no cinema. Nasceu em São Paulo, em 18 de abril de 1964. cursou a Faculdade de Belas Artes, concluindo-a em 1985. Trabalhou durante três anos nos estúdios de Maurício de Souza, como intercalador e cenarista. Em 1988 iniciou a divulgação de seus trabalhos nas edições alternativas dos fanzines, pequenas tiragens distribuídas pelo próprio autor. Publicou na Editora Pró-C, na Revista Animal, e editou a revista Tralha.

Após nove álbuns em quadrinhos, publicou em 2002 sua primeira novela “O cheiro do ralo”, que foi posteriormente lançada em filme com o mesmo nome. Criou a arte do filme Nina, e teve trabalhos adaptados ao teatro. Chegou a trabalhar como ator em pequenos papéis das suas novelas em película. Sua obra lhe rendeu diversas premiações, na HQMix (considerado o Oscar dos qua-

drinhos brasileiros) como melhor desenhista, melhor álbum, prêmio Ângelo Agostini, entre outros.

Suas novelas são: O Cheiro do Ralo (2002), Jesus Kid (2004), O Natimorto (2004), A Arte de Produzir Efeito Sem Causa (2008). Publicou os seguintes álbuns de Histórias em Quadrinhos: Transsubstanciação (1991), Desgraçados (1993), Eu te amo Lucimar (1994), A Confluência da Forquilha (1997), Seqüelas (1998), O Dobro de Cinco (1999), O Rei do Ponto (2000), A Soma de Tudo – Parte I (2001), A Soma de Tudo – Parte 2 (2002), Mundo Pet (2004), A caixa de Areia (2005). Para o teatro, uma coletânea de cinco peças, com o nome de O Teatro de Sombras (2007).

A obra chamou, e chama, a atenção do público, entre outras peculiaridades, por traços grotescos e elementos psicopatológicos de seus personagens. Lourenço era considerado “estranho” segundo relatos de sua mulher, e sua introdução no campo dos quadrinhos não foi rápida. Seu trabalho apresenta traços expressionistas, em que o conteúdo importa mais do que a forma. Algumas de suas histórias são intimistas, sem balões, com poluição visual, e similaridade com traços undergrounds norte-americanos (Mutarelli, 2004). O próprio Mutarelli descreve suas histórias assim: “*Não é humor, não é erótico, não é terror, não é aventura, não é infantil*” (Gusman e Naranjo, 2008).

Lourenço Mutarelli apresenta-se também como personagem em suas histórias em quadrinhos, novelas, peças de teatro, entrevistas, e blog na internet. Constantemente refere-se a fatos pessoais para introduzir, encerrar ou esclarecer algumas de suas histórias. Criou um personagem que é apresentado como se fosse um perfil autobiográfico. Na apresentação e no encerramento de seus álbuns, coloca desenhos da infância, fotos da família, frases que mostram afeto e confissões. Em suas entrevistas faz menção a doenças e traumas que sofreu, tratamentos

que recebeu e remédios que tomou. Agradece e homenageia médicos, amigos e remédios. Principalmente venera sua esposa, Lucimar, que aparece em títulos, ilustrações, fotos e dedicatórias. Ela também participa deste processo criativo, refere que Lourenço retrata a sociedade contemporânea em seus personagens como o trágico e o burlesco, sem ética e moral (Mutarelli, 2004).

## OBJETIVOS

Analisar o personagem Lourenço Mutarelli como se apresenta em seu blog, entrevistas na internet, obras gráficas e literárias segundo a perspectiva oferecida pela Teoria dos Esquemas Iniciais Desadaptativos de Jeffrey E. Young (2003).

## METODOLOGIA

### Amostra:

Foram escolhidos por conveniência os seguintes trabalhos de Lourenço Mutarelli: Seqüelas, Transsubstanciação, O Dobro de Cinco, A Soma de Tudo Parte 1, A Soma de Tudo Parte 2, O Rei do Ponto, A Arte de Produzir Efeito Sem Causa, O Cheiro do Ralo, informações contidas no blog de Lourenço Mutarelli, dados do site referencial ([www.mutarelli.com.br](http://www.mutarelli.com.br)) e dados de entrevistas com ele realizadas. Nos livros e histórias em quadrinhos foram coletadas as referências sobre ele, sua infância, sobre sua família e seus desenhos.

## PROCEDIMENTOS

As principais referências encontradas sobre o personagem Lourenço Mutarelli foram analisadas de acordo com os conceitos dos Esquemas Iniciais Desadaptativos propostos por Young (2003). Estas referências foram classificadas nos domínios em que os esquemas cognitivos foram classificados.

## RESULTADOS

Abaixo seguem os domínios e a descrição analítica de cada um dos Esquemas Iniciais Desadaptativos encontrados na análise do personagem Lourenço Mutarelli.

### Domínio 1: “Desconexão e Rejeição”.

Em suas entrevistas e blog, o personagem Lourenço aborda algumas de suas vivências que mostram, por exemplo, a fragilidade com que suas relações foram construídas. Esta é uma das tônicas do esquema de Abandono/ Instabilidade no qual a pessoa tem a percepção de que o mundo é um local ameaçador, com pessoas imprevisíveis e não confiáveis.

Ao longo de suas entrevistas, podemos perceber que o relacionamento de Lourenço com seus pais foi marcado por um sentimento de incompreensão e desamparo. Em entrevista para a Revista I de Psicanálise e Cultura (Pastore, 2008), Lourenço refere que sentia que havia algo de errado com ele e, quando tinha 10 anos, pediu ajuda psiquiátrica para sua mãe. Em vez de ser acolhido e receber cuidados com o que ele apresentava como problema, a mãe lhe deu um tapa no rosto. Ao site Bigorna (Baraldi e Hamilton, 2007) ele relata uma situação em que seu pai o mandou embora de casa, quando ele tinha cerca de 11 anos: “*Eu saí andando e não sabia para onde ir. Depois a minha mãe me alcançou de carro. Eu estava perdido, andando.*”

Na entrevista para a Revista I de Psicanálise e Cultura (Pastore, 2008), ele menciona outros aspectos do relacionamento com seus pais que podem ter corroborado para a construção deste esquema em sua vida. Refere sobre sua mãe: “*Ela sempre dizia ‘esse menino é retardado’, porque ela não entendia o que eu dizia*” e prossegue “*Minha mãe só abraçava a gente no Natal, era beijo, abraço e choro, e até hoje é assim. Eu comecei a agar-*

*rá-la depois de fazer terapia muito tempo*”. A necessidade afetiva de Lourenço não parece ter sido suprida. Na mesma entrevista ainda relata que seu pai lhe batia “*quase que diariamente*” e chegou a levá-lo para a delegacia para assisti-lo torturar um homem: “*Então, sempre convivi com esse tipo de peso. Era uma pessoa que eu amava, era meu pai*”. Era seu pai, mas ao mesmo tempo era um homem que o fazia crer que poderia ser largado na rua (como sugere o trecho destacado) e também faltava quanto a demonstração de afeto positivo.

Ainda fazendo menção ao seu pai, que era policial, Lourenço descreve em seu blog (Mutarelli, 2007): “*Quando vejo as figuras dentro, quase me cago. Tenho fobia de polícia. Cresci numa família de policiais. Sei do que estou falando*”.

O trecho acima ilustra outro esquema presente neste domínio, o esquema de Desconfiança e Abuso, em que existe a expectativa de que os outros vão machucar, abusar, humilhar e enganar, como se a pessoa que agisse de acordo com este esquema se sentisse lesada, sentisse que ela sempre leva a pior. Segue outra fala literal do personagem em entrevista: “*Sempre fui muito mal-tratado (...) muito do meu trabalho tem a ver com as minhas primeiras impressões das pessoas, das coisas. E não eram imagens agradáveis*” (Pastore, 2008).

Podemos compreender que alguém tenha a impressão de que o mundo é um local hostil e temeroso, tenha medo ou dificuldade de se integrar, de estabelecer relações com pessoas. Este medo é confirmado no caso de Lourenço pela presença do esquema de Isolamento Social e Alienação. Poderíamos citar muitas referências que indicam a força deste esquema na vida de Lourenço, permeando muitas de suas relações. Destacamos aqui alguns trechos em que esta ideia fica clara, como é o caso de alguns comentários em seu blog: “*Não faço*

*parte de nenhum grupo (...). Não leio jornal, quase não assisto TV.(...) Não torço pra nada. (...) Nunca ouço rádio (..) Saio pouco e só quando quero ou realmente preciso”* (Mutarelli, 2007).

Outro exemplo disto é a capa do álbum *Seqüelas*, onde aparece como Gulliver em Liliput amarrado e esfaqueado no chão entre dezenas de seus personagens. Transmite o sentimento de estar isolado do resto do mundo, de que é diferente das outras pessoas e/ou de não pertencer a qualquer grupo ou comunidade. Na introdução deste mesmo álbum ele afirma: *“Escolhi a história intitulada “Solidão” para abrir esta coletânea porque ela foi meu cartão de visita”* (Seqüelas, 1998).

Talvez por ter tido este afastamento dos meios sociais o personagem Lourenço acabou desenvolvendo a crença de que era defeituoso e com características que o envergonham. O contrário também é possível, que seu afastamento e isolamento se deram por conta da sensação de ser diferente, anormal. De toda forma, detectamos em seu discurso a presença do esquema Defectibilidade/Vergonha: *“Tinha medo de não passar na imigração. Por causa da minha cara, dos remédios embora trouxesse receita”* (Mutarelli, 2007).

Em uma entrevista para a revista *O Grito* (Rabello e Floro, 2008), o personagem Lourenço complementa esta ideia: *“No meio dos quadrinhos sempre me trataram como um anão ou um corcunda, ou uma aberração”*.

Em um encontro com o Universo HQ (Universo de História em Quadrinhos que promove premiações e divulgações do trabalho dos artistas), ele declara: *“Desgraçados é um livro que eu me envergonho, eu não queria acreditar, acho ofensivo. É minha fase heavy metal, uma coisa meio juvenil, que o pessoal vai e grita, tira as calças, tentando sei lá o que”* (Gusman e Naranjo, 2000).

No personagem Lourenço, os esquemas encontrados neste domínio se relacionam com o esquema do segundo domínio à medida que, por todas essas crenças de um mundo distanciado e inescrupuloso, ele acaba desenvolvendo uma ideia de ser incapaz porque não atende aos requisitos de sucesso do universo comum. Sente com isso a necessidade de se misturar com aqueles que o aceitam, ou talvez uma dificuldade de se ver como um ser em separado.

## Domínio 2: Autonomia e Desempenho Prejudicados

Lourenço Mutarelli exhibe indagações e afirmações que mostram como se sente incapaz de dar conta das responsabilidades cotidianas, que é exatamente o que fundamenta o esquema de Dependência/Incompetência. É como se a pessoa tivesse que depender de outros para cumprir com suas obrigações e tocar sua vida, como se sozinho não conseguisse realizar suas tarefas básicas ou mesmo conquistar algum tipo de sucesso pessoal, profissional, ou amoroso.

Em seu blog (Mutarelli, 2007), ele mostra essa ideia de incompetência em diversas ocasiões: *“Não disse a ele que toda a planta que eu ponho a mão morre”*. Faz ainda o relato de um diálogo, em uma viagem para os Estados Unidos onde estava escrevendo o livro *“Amores Expressos”*, trata-se de uma conversa fictícia que ele se imaginou tendo no Central Park com um esquilo, o esquilo diz a ele: *“Como pretende escrever uma história sobre um lugar que você jamais, Jamais! Conseguirá entender? Pegue essa cabecinha doente com esse chapéu ridículo e volte para o buraco de onde veio!”*

A dependência se faz presente, principalmente quando o personagem Lourenço fala sobre sua mulher Lucimar. Ela cuida das contas e dos e-mails do marido, atualiza-o quanto às notícias de jornal e organiza sua vida social.

Como reconhecimento um dos títulos de um dos seus álbuns em quadrinhos mais importantes é *“Eu te amo Lucimar”*. As declarações mostram a importância que ele atribui a ela para que sua vida funcione. Em seu blog (Mutarelli, 2007), Lourenço descreve: *“As portas sempre se fechavam para mim. Se não fosse a minha Lu, minha namorada-esposa, segurando as pontas e me incentivando, provavelmente eu já teria desistido.”*

Na entrevista ao Universo HQ, ele também menciona este tópico: *“Minha mulher tem coisas minhas, eu não tenho nada. O pessoal me pede os originais e vou passando pra frente. Ela tem um arquivo legal com os meus trabalhos”* e conclui: *“Ela foi fundamental (...) Ela ainda é fundamental. Ainda é.”* (Gusman e Naranjo, 2000).

O medo de ficar dependente é explicitado no blog (Mutarelli, 2007) quando ele fala sobre o medo de se tornar dependente de seu público, como sugere a afirmação: *“Às vezes é por isso que eu não respondo emails e coisas do tipo. Eu me apego às pessoas.”*

E este apego se dá não apenas com seu público, por assim dizer, mas também com seus personagens e referências importantes de sua vida. Essa dependência que ele estabelece faz com que se misture a essas pessoas, não consiga se descolar delas, configurando um esquema de Emaranhamento / Self Subdesenvolvido. Este esquema é caracterizado por um envolvimento emocional e intimidade excessiva com uma ou mais pessoas importantes, dificultando a individuação integral e desenvolvimento social normal da pessoa. O esquema suporta a condição que ao menos um dos indivíduos emaranhados não conseguirá sobreviver ou ser feliz sem o apoio constante de outro.

Em uma de suas respostas ao jornalista do Portal Literal (Dorigatti e Mello, 2008), Lourenço se refere ao seu trabalho da seguinte forma: *“É um mergulho fundo. Tive de*

*afastar os personagens da minha vida, mas minha vida acaba se envolvendo com os personagens”*.

Seus personagens possuem muitas características do próprio autor e ele parece “emprestar” a eles muitas de suas experiências e sentimentos. O personagem de *“O Cheiro do Ralo”* tem seu nome (Lourenço), o personagem Junior da *“Arte de produzir efeito sem causa”* tem a sua data de aniversário, 18 de abril, e passa grande parte do livro tomando café, falando sobre café e indo a uma cafeteria. Lourenço em seu blog (Mutarelli, 2007) faz menção a essa idolatria pelo café: *“Eu adoro café. Há quase sempre um café, sempre um livro nas mãos ou um processo na minha cabeça.”*

Talvez a principal motivação para essa aliança e falta de individuação com algumas pessoas seja a crença de que sozinho fracassará. O esquema Fracasso é consistente com o personagem Lourenço apesar do sucesso e reconhecimento conquistado ao longo de sua carreira. Um sentimento de fracasso permeia suas declarações ao não aceitar a qualidade de seu desenho, como ilustra em entrevista ao Universo HQ (Gusman e Naranjo, 2000): *“No começo de minha carreira, eu não conseguia fazer meu traço. É por isso que eu fico meio incomodado em ganhar prêmio de melhor desenhista, porque eu não desenho como quero; eu desenho como consigo”*. Nesta mesma conversa ele persiste no tema mostrando sentimento de que os outros não reconhecem o valor de seu trabalho: *“A Devir (editora que publica muitos de seus trabalhos) sempre me ajudou muito, mas nunca acreditou em meu trabalho.”*

Quando aprecia sua produção atribui isto à sorte ou a um fator externo. *“Tem uma (história) que eu gosto muito, não sei se é a predileta, mas ela veio num surto. Eu quase “psico-quadrinizei” essa história”* (Gusman e Naranjo, 2000).

O Fracasso comumente pode acompanhar reações compensatórias de prepotência, mas no caso de Lourenço vem acompanhado de fragilidade, de vulnerabilidade. No esquema Vulnerabilidade/Incompetência opera o medo constante de uma catástrofe iminente em detrimento de qualquer situação. Na apresentação do álbum *Seqüelas*, a vulnerabilidade é representada como um elemento de compensação, sente-se ameaçado, vulnerável e “ataca”:

*“Me parece, que o polvo desprendia sua tinta quando sentia-se ameaçado. Creio que quando desenho eu devolva ao nanquim sua função primitiva. Eu sou como o polvo”* (Seqüelas, 1998).

Em seu blog, parte dele escrito fora do país, estes sentimentos podem ter sido exacerbados. Sobre a experiência de morar em Nova York, ele se pronuncia na Expresso TV (Pinto, 2010): *“Eu entendo o que o outros falam, mas ninguém me entende. Calhou de me pegar num momento onde estava vivendo meu primeiro bloqueio criativo”*.

No próprio blog (Mutarelli, 2007) encontramos declarações como: *“Se um dia eu pusesse meus pés nessas terras (referindo-se a uma viagem ao Egito) eu enlouquecia, ou talvez mais especificamente, eu dissolveria. Perderia minha concepção de indivíduo.” E também: “Eu sou hipocondríaco, não nego... Não deve ser só uma gripe. Mas e se for uma gripe asiática?”*.

Ainda referindo à vulnerabilidade física em entrevista a Bigorna (Baraldi e Hamilton, 2007), o personagem fala sobre sua necessidade de medicação psiquiátrica. O entrevistador pergunta: *“Mas isso é para a vida toda?”* Lourenço responde: *“Depende, mas eu vou tomar a vida inteira.”* Outro exemplo de sua preocupação com doenças é dada nos Agradecimentos de *Transsubstanciação* (Mutarelli, 2001): *“E aos amigos Lorax Lorazepam, Ana*

*Franil, Prozac Vinci, Meu Tio Colin e aos Cloretos de Benzalcônio e de Sódio assim como ao Cloridrato de Nafazolina.”* Temos aqui ansiolíticos, antidepressivos, antissépticos e descongestionantes.

Na capa do álbum *Transsubstanciação* (Mutarelli, 2001) a vulnerabilidade é escancarada. Há um autorretrato de Lourenço abatido, cinza e perplexo. No prefácio ele explica uma de suas histórias, “Réquiem”. O álbum é dedicado ao seu amigo Leonardo Sena e o motivo é esclarecido: *“Réquiem narra um episódio que vivi em 1988...em 1988 sofri a perda de um grande amigo de uma forma muito dramática...”* Esta história relata uma história emocionante em que, após violência perpetrada por amigos, desenvolveu uma síndrome com características depressivo-catatônicas. Refere-se diversas vezes a esta experiência como transtorno de pânico. Este episódio o deixou muito vulnerável. Ele o descreve em nota dizendo: *“Podem dizer que esta nova edição é o retrato dos dias que vislumbrei o esboço do inferno. Foi na época em que fiquei doente, meio mal. Transsubstanciação foi nessa época. Me sentia como se fosse duas pessoas, me sentia muito dividido. Um fraco e um forte, um violento e um medroso.”* Sena foi o amigo presente durante sua convalescença.

Com todos esses sentimentos de inferioridade, Mutarelli poderia ter se tornado um rebelde, uma pessoa extremamente agressiva no contato. Porém, prevalece nele uma característica mais introvertida e a agressividade que contém dentro de si é revelada em suas obras de arte. Por isso o domínio seguinte, que trata de pessoas que se veem como superiores ou acima das regras é observado em sua obra, mas não neste personagem.

### Domínio 3 – Limites Prejudicados

A crença de merecer direitos e privilégios especiais, ou de que não está sujeito às regras de reciprocidade que guiam a interação social normal baseiam o esquema Mereci-



mento / Grandiosidade. Os desenhos da obra de Lourenço mostram personagens com aparência distorcida, sem ética ou compaixão, que parecem se achar no direito de humilhar as pessoas. Os enredos são em torno de cenas de tortura e crueldade. Estas características não aparecem quando o personagem Lourenço é retratado ou descrito.

No vídeo realizado pela Expresso TV, quando perguntam qual é a melhor parte de Lourenço, ele responde: *“O melhor é a pessoa, mais do que o artista. O artista quando está a trabalhar se depara com coisas que não controla - uma agressividade e uma arrogância -, eu não me orgulho disso”* (Pinto, 2010).

Além de não carregar esta ideia de superioridade, ele consegue se ater às normas impostas pela sociedade e ter uma disciplina regrada ao contrário do que ditaria o esquema de Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes. Lourenço conta com uma disciplina relativamente rígida, como descreve na entrevista ao Universo HQ (Gusman e Naranjo, 2008), desenhava horas por dia e demorava a finalizar cada quadro. Pode-se notar seu alto grau de detalhamento tanto pelos desenhos quanto pelas descrições literárias, e até nas demoradas e completas respostas nas entrevistas, portanto sua disciplina e controle parecem elevados.

#### Domínio 4 – Orientação para o Outro

Este domínio estabelece o quanto uma pessoa orienta sua vida de acordo com o gosto e aprovação das demais e o quanto se submete aos outros.

No caso do personagem aqui discutido o que se explicita é uma busca de aceitação pela figura de seu pai. Isso fica claro em entrevista à Revista I de Psicanálise e Cultura (Pastore, 2008), em que Lourenço conta sobre como assinou com o nome do pai seu primeiro álbum como forma de homenagem e explica: *“Meu pai tinha uma*

*coleção muito interessante de quadrinhos, ele gostava muito. Ele tinha os clássicos dos quadrinhos.”*

Em nota do álbum *“A Soma de tudo”*, da série sobre o detetive Diomedes, Mutarelli presta uma emocionante homenagem a seu pai recém falecido. Um de seus melhores desenhos sobre o Mosteiro dos Jerônimos em Portugal foi feito como uma oração ao pai que estava enfermo: *“A morte de meu pai? Sim, eu resolvi parar de fazer quadrinhos, porque o que meu pai mais gostava eram os quadrinhos e eu os fazia para ele.”* Este é um dos claros exemplos de como Lourenço é guiado pelo esquema de Busca de Aprovação/Busca de Reconhecimento no qual a autoestima depende principalmente das reações alheias, e há uma preocupação com status, aparência, aceitação social, dinheiro, admiração ou atenção.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio o personagem também tem crenças do esquema de Subjugação que trata de pessoas que se submetem ao outro, são obedientes em geral suprimindo sentimentos de raiva e abandono. O personagem refere em Revista I de Psicanálise e Cultura (Pastore, 2008): *“Peço para minha mulher para abrir a geladeira (...) Pergunto se posso pegar aquele Danone na geladeira e minha mulher me diz “Cacete, quem comprou essa geladeira? Então porra, precisa pedir?!” Mas é que minha mãe era uma figura terrível, na casa de minha mãe tudo era impecável.”*

#### Domínio 5: Supervigilância e Inibição

O último domínio talvez seja um dos mais importantes dentro desta análise. Lourenço tem fortes indícios do esquema Negativismo/Pessimismo. O foco aqui se dá nos aspectos negativos como sofrimento, morte, perda, e coisas que podem dar errado. No Pop Balões (Naranjo, 2006), ele afirma: *“Minha vida foi muito desgraçada”*, no site Bigorna (Baraldi e Hamilton, 2007), ele declara: *“Eu não consigo. Eu sempre tacho preto.”*

E em seu Álbum Seqüelas, escreve: *“Talvez você percebe que com o tempo meu trabalho tenha se tornado cada vez mais amargo, a verdade é que com o tempo e o espaço que fui conquistando pude me expor de forma mais profunda”* (Seqüelas, 1988). Além do pessimismo, Lourenço sofre com essa exposição à qual ele se refere. Ele apresenta o esquema de Inibição Emocional no qual a pessoa não mostra o que está sentindo de fato, mas aquilo que acredita que os outros gostariam que ela sentisse. É uma forma de se poupar da vergonha ou perda do controle sobre os próprios impulsos. Mutarelli parece ter o esquema da inibição emocional ativo em sua vida e pouco presente em seu trabalho. Em seu blog ele afirma: *“O silêncio é muitas vezes o meu idioma”* (Mutarelli, 2007).

No Universo HQ (Gusman e Naranjo, 2008), porém, faz a seguinte constatação sobre seus trabalhos: *“Os quadrinhos salvaram minha vida! Eu tinha dificuldade de me relacionar, de me expressar. O quadrinho fez com que eu me relacionasse, me casasse, com que eu tivesse um filho. O quadrinho foi fundamental!”*

Além de se expor de acordo com a expectativa alheia, para evitar críticas dos outros, Lourenço tem uma crítica elevada em relação a seu comportamento e desempenho, crítica essa compatível com o esquema de Padrões inflexíveis/Crítica Exagerada. Na entrevista concedida ao Universo HQ (Gusman e Naranjo, 2008), esta característica fica clara: *“A minha cobrança com o meu trabalho é muito forte, sou bastante duro e exigente comigo”*.

E em uma resposta dada ao site Bigorna (Baraldi e Hamilton, 2007), ele enfatiza: *“Quando eu falo que eu não me orgulho dos meus quadrinhos, é que eu nunca estou satisfeito com o resultado final. Eu sempre vou olhar para eles e ver um defeito, algo que eu podia ter modificado.”*<sup>2</sup>

## Discussão

O personagem Lourenço Mutarelli ilustra diversos Esquemas Desadaptativos como pudemos observar por materiais de suas entrevistas e declarações. Encontramos elementos de quatro dos cinco Esquemas que compõe o primeiro Domínio de Desconexão e Rejeição. Este é um indício de que Lourenço convive com uma dificuldade em sentir-se amado, respeitado, inserido e seguro no convívio social.

Dentro do segundo domínio, Autonomia e Desempenho Prejudicados, todos os Esquemas são contemplados, mostrando tratar-se de um personagem frágil, que não se sente capaz de cuidar de sua própria vida sozinho.

O terceiro Domínio de Limites Prejudicados não espelha as características de Lourenço, que não demonstra julgar-se melhor que os outros, ou ter displicência com regras.

Em relação ao quarto Domínio, Orientação para o Outro, novamente todos os Esquemas se adéquam às características do personagem que apresenta submissão às vontades e necessidades alheias e necessidade de reconhecimento externo.

Por fim, no quinto Domínio, Supervigilância e Inibição, três de quatro Esquemas são aplicáveis a Lourenço. O personagem expressa uma alta cobrança para consigo, uma inibição e pessimismo elevados.

O personagem faz uma síntese de conflitos humanos e distorções cognitivas da realidade, que muitos apresentam, e que podem dificultar a vida, tornando-a sofrida e por vezes caótica. Apresenta tudo isto de modo muito original e criativo. Como em toda a obra de arte, comunica por meio dos sentimentos de uma forma muito mais precisa que os textos acadêmicos.

A análise aqui apresentada pode enriquecer a compreensão da obra deste autor, que criou um alter ego com seu próprio nome para esclarecer o significado de seus textos e desenhos. Este personagem é tão interessante quanto o conjunto da obra, ele personifica de forma inusitada as agruras e sofrimentos do existir. Por outro lado, o material analisado pode facilitar e tornar mais agradável o ensino da Teoria dos Esquemas Cognitivos. A obra de Lourenço Mutarelli merece ser lida por prazer e estudada por todos que se interessam pela psicoterapia e psicopatologia.

## REFERÊNCIAS

- Baraldi, M. e Hamilton, T. entrevista:Lourenço Mutarelli como você nunca viu (ou leu) antes! Disponível em: <http://www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1188275384> Online desde: 28/08/2007.
- Beck, A.T., Rush A.J., Shaw, B.F. e Emery G. (1979). *Cognitive Therapy of depression*. The Guilford Press. New York. [blogdolourencomutarelli.blogspot.com](http://blogdolourencomutarelli.blogspot.com) [www.devir.com.br/mutarelli/index.htm](http://www.devir.com.br/mutarelli/index.htm)
- Dorigatti, B. e Mello, R. Lourenço Mutarelli- Produzindo Arte com Efeito. Entrevista ao Portal Literal. Disponível em: <http://www.portalliteral.com.br/artigos/lourenco-mutarelli-produzindo-arte-com-efeito> . Rio de Janeiro Online desde: 30/09/2008.
- Ferraz M.H.C.T. e Cesar, O. (1998). *Catálogo Juquery: Encontros com a arte*. São Paulo, Editora Paulo Lemos, p. 11-14...
- Gusman, S. e Naranjo, M. Lourenço Mutarelli: Um artista na acepcao da palavra. Entrevista concedida ao Universo H. Disponível em: [http://www.universohq.com/quadrinhos/entrevista\\_mutarelli.cfm](http://www.universohq.com/quadrinhos/entrevista_mutarelli.cfm). Online desde: 30/09/2008.
- Mutarelli, L. (1998). *Sequelas*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (1999). *O Bom de Cinco*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (2000). *O Rei do Ponto*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (2001). *Transubstanciação*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (2001). *A Soma de Tudo Parte 1*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (2002). *A Soma de Tudo Parte 2*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (2002). *O Cheiro do Ralo*. Devir Livraria. São Paulo.
- Mutarelli, L. (2008). *A Arte de Produzir Efeito Sem Causa*, Companhia das Letras. São Paulo.
- Mutarelli, L.R. (2004). *Os quadrinhos autorais como meio de cultura e informação: um enfoque em sua utilização educacional e como fonte de leitura [tese de mestrado]* São Paulo: Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo.
- Naranjo, M. Entrevista com Lourenço Mutarelli no Pop Balões. *Universo HQ* Disponível em: [http://www.universohq.com/quadrinhos/2006/n15092006\\_04.cfm](http://www.universohq.com/quadrinhos/2006/n15092006_04.cfm) Online desde: 15/09/2006.
- Pastore, J.A.D. Editorial Entrevista A Estranha Arte de Produzir Efeito sem Causa. *Revista I de Psicanálise e Cultura* no 47 – Estrangeiro. Disponível em: <http://www.sbbsp.org.br/ide/entrevistas> . Online desde: 2008.
- Pinto, M. Lourenço Mutarelli: O anti-herói com asas (vídeo). *Expresso*. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/lourenco-mutarelli-o-anti-heroi-com-asas-video=f578401>. Online desde: 25/04/2010.
- Rabello, G. e Floro, P. Entrevista: Lourenço Mutarelli. *Revista O Grito!* Disponível em: <http://www.reistaogrito.com/page/06/10/2008/entrevista-lourenco-mutarelli>. Online Desde: 22/07/2007.
- Rivera, T. *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (2002).
- Rosenfeld, H.K. *Entre a psicanálise e a arte*. vol.10, n.1, pp. 347-353, Psicologia Universidade de São Paulo, 1999.
- Young, J.E. *Terapia Cognitiva para Transtornos de Personalidade*. Tradução Vernose, MA. 3ª Edição, Porto Alegre, Artmed, 2003.

Recebido em 16 de agosto de 2012  
Avaliado em 10 de agosto de 2015  
Aceito em 20 de agosto de 2015